

"Ressonâncias das *makáron nésoi/fortunatorum insulae* da Antiguidade Clássica em textos sobre a Ilha da Madeira"¹

Joaquim J. Sanches Pinheiro

O vivo propósito de encontrarmos um tema clássico associado às Ilhas e à Mitologia, mais particularmente à Ilha da Madeira, abriu-nos uma planura elísia sulcada por um dos *tópoi* poéticos da Antiguidade Clássica (e não só!) com maior fortuna literária: a beleza natural, ou melhor, a paisagem ideal com os seus elementos típicos. Logo, dedicaremos especial atenção à descrição mítico-literária de espaços edénicos, como as Ilhas dos Bem-aventurados (*makáron nésoi/fortunatorum insulae*), os Campos Elísios, reflexos de uma idade/geração de ouro, para, de seguida, elucidados sobre este mundo paradisíaco podermos estabelecer a ponte com textos sobre a Madeira, constantes na antologia literária, *Lugares Selectos de Autores Portugueses que Escreveram sobre o Arquipélago da Madeira*², concebida por Cabral do Nascimento, "poeta e ensaísta da melhor estirpe"³, segundo Jacinto Prado Coelho.

O Éden, paraíso bíblico, onde predomina a felicidade, a harmonia, a fertilidade e a abundância, reúne os elementos típicos destes espaços terrestres. Atendendo à etimologia da palavra paraíso, *pairi-daeza* (Persa), *pardésu* (Assírio), *pardés* (Hebraico tardio), palavra que faz parte do *corpus* de todas as línguas semitas, com o significado de pomar, jardim, parque real ou sepulcral, não nos admiramos, pois, de que o paraíso terrestre bíblico seja, acima de tudo, um jardim. Nele germinam "toda a espécie de árvores agradáveis à vista e de saborosos frutos para comer; a árvore da vida, ao meio do jardim; e as árvores da ciência do bem e do mal"⁴. Apesar das diferentes concepções que presidem ao paraíso do Éden, por um lado, e aos jardins da Mesopotâmia e da Pérsia, por outro lado, que Jean Delumeau em *Uma História do Paraíso* distingue com clarividência⁵, é possível estabelecer paralelos entre aqueles e, por exemplo, o mito sumério de Enki e a epopeia de Gilgamesh. Este mundo primordial irradia felicidade, que se une à concepção de jardim, tanto para as "religiões que conceberam o tempo como um ciclo como nas que o identificaram como um vector que corria de um paraíso a outro"⁶.

É de Hesíodo (séc. VIII a. C.), autor profundamente marcado pela cultura e religião orientais, que temos os primeiros testemunhos do homem sobre a terra, em *Trabalhos e Dias*. Assevera que na Idade de ouro, a primeira das idades do mito das gerações e que devia regressar periodicamente, os homens são "dotados de voz que os imortais criaram, eles, que são habitantes do Olimpo. Viviam sob o governo de Cronos, quando ele reinava no céu. Eram deuses, com espírito despreocupado, vivendo à margem de penas e de misérias, a velhice medonha não os surpreendia, mas, sempre, de membros vigorosos, deleitavam-se em festins, a bom recato de todo o mal; se morriam, era como que vencidos pelo sono. Para eles, tudo era perfeito: o solo fértil oferecia-lhes por si frutos numerosos e abundantes; e eles, contentes e tranquilos, viviam da terra, no meio de bens inúmeros. Mas, depois que esta raça ficou oculta no solo, são, por decreto do grande Zeus, génios bons, sobre

a terra, guardiões dos homens mortais, distribuidores de riquezas; foi este o prêmio régio que lhes coube." Vemos, pois, que nesses tempos, em que Cronos reinava, o homem vivia isento de cuidados e sem qualquer necessidade de trabalhar, já que "καρπον δ εφερε ζειδωρος αυτοματη πολλων τε και; αφθονον" (ou seja, a terra produzia por si tudo o que era necessário). A juventude não se enrugava e a morte surgia como um sonho. Além disso, os deuses conviviam com os homens, heróis e justos, dentro de um clima de permanente felicidade e justiça. O motivo ou motivos do final da Idade de Ouro não são explicados em textos mitográficos. Os eruditos, contudo, atribuem o seu final ao início do reinado de Zeus Crónida. Neste momento, Hesíodo não alia a Idade de ouro a uma loca-lização geográfica. Só depois de descrever a quarta raça, a "raça divina de heróis, chamados de semi-deuses, / a geração anterior à nossa na terra sem limites", é que ficamos a saber que a alguns heróis "o pai Zeus Crónida concedeu-lhes uma vida e morada longe dos homens, colocando-os no extremo da terra". Isentos de cuidados, habitam "εν μακαρων νησοισι" (Ilhas dos Bem-aventurados), "nas margens do Oceano de correntes profundas". Aí os heróis mortais que alcançaram a imortalidade têm à sua disposição uma terra fecunda que produz frutos melíficos e floresce três vezes por ano.

Também a poesia latina se interessou pelo tema da Idade de ouro, como o atestam, por exemplo: Lucrécio, *A Natureza das Coisas*, V, vv. 925 ss.; Tibulo, *Elegias*, I, 3, vv. 35 ss.; Virgílio, *Bucólicas*, IV; Ovídio, *Metamorfoses*, I, vv. 89 ss.; Horácio, *Epodos*, XVI. Fazendo eco da teoria do "eterno retorno" quando afirma "Já chega a última idade da profecia de Cumas. Nasce, de novo, a grande sucessão dos séculos. Já volta a Virgem e os reinos de Saturno. Já desce do céu uma nova raça", Virgílio associa - numa écloga (IV) que tem suscitado diversas conjecturas - o nascimento do menino a uma nova geração, a de ouro. De acordo com o género bucólico, trans- parece nela nitidamente o ambiente pastorício, "as cabrinhas levarão a casa, por sua livre vontade, os úberes pejados de leite; os rebanhos não recearão os poderosos leões", para além de repetir o tópico da produção natural da terra, sem qualquer intervenção humana.

Ovídio, por sua vez, foi o único poeta latino a conservar o modelo hesiódico, pois os outros reduziram-no a duas idades: a do ouro identificada com o tempo de Saturno e a outra idade, a do governo de Zeus. Traça um atraente quadro pela diversidade dos seus elementos: o direito e a justiça vigentes "sine lege"; o "pinus" (pinheiro), por metonímia o barco, ainda não utilizado para a navegação; o tempo de paz dispensava todos os meios bélicos; a natureza espontânea ("per se dabat omnia tellus"); a eterna Primavera; os campos pintados de amarelo pelas espigas; a doçura da produção campestre ("flaua de uiridi stillabant ilice mella"), irrigada por rios de leite e néctar ("flumina iam lactis, iam flumina nectaris ibant").

Parece evidente que o tópico da Idade de ouro favoreceu a evocação de um espaço abençoado, poucas vezes localizado com esclarecimento. Plutarco (*Vita Sertorii*) situa as Ilhas Atlânticas, chamadas de Ilhas dos Bem-aventurados (duas ilhas separadas por um braço de mar muito estreito) a dez mil estádios da Líbia (cerca de 1.800 kms.). Recupera, com ligeiras variantes, as descrições climatéricas e procriadoras da Idade de ouro de Hesíodo. Estabelece, ainda, nessas Ilhas, a morada dos Bem-aventurados e os Campos Elísios. Os Campos Elísios (*Elysion pedion*), igualmente uma morada feérica de origem cretense, e as Ilhas dos Bem-aventurados terão pertencido a

tradições distintas, mas paralelas. Analisando os textos que retratam estes *loci amoeni*, concluímos que são em tudo análogos e que só diferem no nome. Veja-se a descrição feita no Canto IV da Odisseia: "Mas os imortais te mandarão (Menelau) para os Campos Elísios/no extremo da terra, onde está o louro Radamanto./Aí se oferece aos homens uma vida fácil. /não neva, não há grande invernia, nem chuva./Mas as brisas do Zéfiro sopram sempre ligeiras, /vindas do oceano, para refrescar os homens."²⁰. Juntamos a este testemunho dos Campos Elísios mais dois: em primeiro lugar, o de Píndaro, autor de célebres epinícios (*Olímpicas, Píticas, Nemeias e Ístmicas*), que amplifica as características do paraíso ocidental, onde governa Radamanto (*II^o Olymp.*); em segundo lugar, o de Virgílio, no Canto VI da *Eneida*²¹, que recria a amena mansão dos Bem-aventurados, em que "um ar mais generoso reveste os campos de uma luz/purpúrea, Têm o seu Sol, as suas estrelas./ Uns exercitam os membros em palestras relvadas,/defrontam-se em jogos e lutam na areia fulva;/outros marcam com o pé o ritmo da dança e dizem poemas"²². É bem patente em todo este passo a crença religiosa numa vida além-túmulo, proporcionada pelas correntes filosóficas órfico-pitagóricas, em que o ciclo morte-vida se repete incessantemente. São, aliás, as teorias da metempsicose platónica²³, personificadas no mito escatológico de Er. O paraíso órfico-neopitagórico são as Ilhas dos Bem-aventurados, onde o "trácio sacerdote"²⁴ Orfeu continua a alegrar com os seus cantos os afortunados.

Até aqui restam poucas dúvidas de que este espaço privilegiado, situado a ocidente - local onde corria o mítico Oceano, rio onde era proibido navegar e que permanecia envolto num mistério maravilhoso, até porque ficava para lá das colunas de Hércules, ou melhor, fora do *mare nostrum*²⁵ - à semelhança do que acontecia com o vizinho jardim das Hespérides²⁶, que produzia maçãs de ouro, transmite, por oposição ao sombrio e tenebroso Hades, uma ideia otimista do fenómeno humano. Era, certamente, um lugar isolado e de difícil acesso, que o vocábulo "ilha" tão bem sugere. Apenas como informação, pois esse não é o objectivo do nosso trabalho, a Madeira e as Canárias têm sido múltiplas vezes identificadas com as Ilhas dos Bem-aventurados. Ambas, Madeira e Canárias, fazem parte das Ilhas Atlânticas que também incluem os Açores e Cabo Verde, denominado este conjunto por Macaronésia, etimologicamente Ilhas dos Bem-aventurados.

Podemos estabelecer, julgamos, no *excursus* da antiguidade greco-romana, correlações temáticas entre o *tópos* da Idade de ouro e os do jardim e das Ilhas dos Bem-aventurados, sobretudo tendo esta interligação enriquecido o imaginário edénico e a idealizada caracterização do paraíso terrestre. Esta relação tão íntima e absorvente com a natureza mereceu de Erasmo, no *Elogio da Loucura*, a seguinte análise: "a raça da idade de ouro, ingénua e que não amava nenhuma disciplina (intelectual), vivia unicamente sob a conduta e a instigação da natureza".

Pois, se discorreremos sobre a convivência natureza-jardim e sobre o quadro da natureza virgem, dotada pelos habitantes do Olimpo, será pertinente referir a coabitação entre o ambiente idílico e o amor. Teócrito (315-250 a. C.), conhecido poeta bucólico grego, para além da riqueza descritiva da paisagem e dos interlúdios amorosos que revela nos seus *Idílios*, exprime a nostalgia dos que, ao longo das idades, anseiam por tão magnificente natureza²⁷. Estas moradas oníricas suscitaram, como facilmente prevemos, um sentimento nostálgico em épocas posteriores. Durante a Idade Média, estes mitos greco-romanos

irão ser paulatinamente cristianizados, retirando os autores cristãos qualquer originalidade aos Campos Elísios, já que não passavam de uma imitação do jardim do Éden. Durante muito tempo as Ilhas Afortunadas, tal como a ilha de São Brandão, constituem uma referência obrigatória do imaginário medieval, persistindo a convicção da sua existência terrestre, a Oriente, e da sua proibição. A esta crença, que viria a ser abandonada, acrescenta-se, como diz Deluneau, "uma outra que incitou às grandes descobertas: se o paraíso terrestre se achava doravante interdito, subsistiam, mais ou menos próximas dele, ou algures ao longe, regiões ditosas e maravilhosas que podiam ser alcançadas por homens audaciosos e que lhes trariam riquezas fabulosas"²⁸. O Renascimento, por sua vez, caracterizar-se-á por uma interessante antinomia: por um lado, desiste-se da crença de uma paraíso terrestre e, por outro lado, manifesta-se a saudade de uma idade onde não existia a noção de posse, *meu e teu*, pois a natureza, sem esforço, alimentava todos com abundância.

Após a abordagem clássica das *makáron nésoi/fortunatorum insulae*, cabe estabelecer a ligação, num esforço de intertextualidade, com textos sobre a ilha da Madeira, na já referida antologia de Cabral do Nascimento²⁹.

Dois autores, Travassos Valdez e Garcia Ramos, comparam directamente a Madeira com espaços míticos greco-romanos. O primeiro, Travassos Valdez, alude à imponência das fragosas penedias e aos inúmeros rochedos basálticos, para além da "luxuriante vegetação"³⁰, tudo em estado selvático. Este conjunto de singulares maravilhas é confundido com os "jardins de Armida e os Campos Elísios"³¹, os quais deveriam ser, segundo o autor, semelhantes aos desta ilha, chamada por excelência flor do Oceano³². Garcia Ramos, por seu lado, apresenta a opinião do célebre naturalista Humboldt que acentua as capacidades tranquilizadoras da Madeira e de Tenerife, e aplica a bela descrição da ilha dos Feaces (*Odisseia*, canto VII) à moderna ilha da Madeira.

Da Ponta de São Lourenço até à Ponta do Pargo, passando arbitrariamente por Machico, Funchal, Câmara de Lobos, Curral das Freiras, Monte, Santo da Serra, Campanário, Ribeira Brava, Madalena do Mar, Santana, Faial, entre outros, deparamo-nos com "pequeninos mundos de beleza", segundo Norberto de Araújo, verdadeiras acrópoles de beleza, dignas de ficarem registadas na nossa memória, pois correspondem a milagres de paisagens, de costumes, de vida de trabalho, de paraísos perdidos que servem de isca ao turista (sem dúvida!). O mesmo Norberto de Araújo aproxima fabulisticamente, na sua crónica jornalística intitulada *A ilha das cem maravilhas onde nasceram, Gémeos, Adão e Eva*, a ilha do paraíso bíblico ao narrar a história de um navegante companheiro de Zarco, Gonçalo Aires Pereira, que havia trazido a mulher. É precisamente deste casal que nascem as primeiras almas na Ilha da Madeira, e com grande ventura tiveram um par de gémeos, "um rapaz e uma rapariga, que foram baptizados Adão e Eva"³³, o que foi benéfico para o rápido povoamento, acrescenta o autor. Também Luzia Lomelino, descendente dos Morgados Lomelinos, família madeirense, na carta escrita à querida Maria, afirma que o solo paradisiaco que pisa, foi sem dúvida onde Adão e Eva "comeram aquela deliciosa maçã que tanto lhes amargou depois..."³⁴.

Bulhão Pato, um dos visitantes da ilha durante o séc. XIX e admirador do céu azul já africano – parafraseando as suas palavras –, considera como grandes eminências deste eminente espectáculo paradisiaco: o Cabo Girão, o mais alto promontório

da Europa; o Campanário; o Senhor do Monte; e os freixos dos picos, cravando-se no azul denso. Para ele, qual relação entre dois amantes que se abraçam e beijam, assim crescem amavelmente os ramos da flora europeia e as "árvores dos trópicos". Sobressai aqui a fusão destes dois pólos, Europa e África, presentes na flora da ilha. E, ainda, as viçosas flores - rosas agrestes, lírios e violetas bravas - que suspiram "com a morbidez dos amantes". Eis pois, o tópos da poesia bucólica já anteriormente referido, ou seja, o ambiente idílico e o amor. Daí que Bulhão Pato considere a Madeira "terra para os idílios de Moscho e para as trágicas fantasias de Ésquilo e Shakespeare".

A Garcia Ramos, autor do livro *Ilha da Madeira*, do qual Cabral do Nascimento retirou o capítulo de abertura intitulado *Ideia Geral da Ilha*, pertence o mérito de apresentar uma das mais ricas descrições desta, ao compendiar a opinião do capitão Marryat, "que viajou muito como observador e como literato"³⁶. Este traça um quadro comparativo entre, por um lado, o melancólico final do Outono e o frígido Inverno britânicos e, por outro lado, a temperatura estival da ilha. Além disso, as despidas árvores das ruas britânicas deram lugar a uma luxuriosa e variada folhagem; a neve e o gelo converteram-se em calor e esplendor. Tal como outros visitantes, é sensível ao céu cristalino, ao infundável mar cerúleo e à luz cintilante do astro. Esse mesmo astro majestoso que, segundo Fernando Silva, "ilumina superfícies e montanhas de nuvens, e o homem contempla, extático, o soberbo panorama, como se fora um naufrago sobre um rochedo perdido no vasto oceano"³⁷.

A Madeira, pedaço do paraíso trazido pelas mãos dos anjos para o meio destas cintilantes águas e ilha de Primavera sem fim, presenteia os curiosos hóspedes com as bordaduras de flores e o fascínio de inauditos recantos de beleza natural. A maior parte dos autores coligidos na antologia de Cabral do Nascimento evoca também a linguagem amorosa que perpassa a flora, a fauna e o clima da Madeira. António Nobre, traçando o destino da ilha, denomina-a de "Ilha dos Amores". Aproveitando esta feliz designação, Luís Trigueiros considera-a um refúgio para as almas endurecidas pelo materialismo e marcadas pela falta de espiritualidade. São, então, destacados os efeitos purgatórios e sublimatórios da ilha da Madeira.

Sistematizar todas as maravilhas deste pedaço de terra é ingrato porque ela é comparável a uma obra literária que em cada leitura nos desperta um calafrio interpretativo que tem tanto de inovador como de efémero. Assim, é a sensibilidade do olhar que se rejuvenesce incessantemente perante este paraíso moderno, muitas vezes semelhante a um sonho nascido da explicação metafísica do real. Por isso, finalizamos com um poema do próprio Cabral do Nascimento, intitulado "Onde, por certo"³⁸, que tão bem encarna esta busca insaciável de um mundo afortunado:

Onde, por certo, mais se vive
É num mundo impreciso, um mundo que não sei
Se existe ou se o criei.
O outro lado do espelho, em que jamais estive,
A paisagem dos sonhos a que não voltei.

Cá fora é mais seguro,
Tudo concreto, exacto, sem miragem.
Não será, todavia, o que eu procuro.
Adeus, real impuro,
Estou apenas de passagem.

otas

Não posso deixar de agradecer ao Dr. Marcelino de Castro a sugestão da leitura e estudo da antologia de Cabral do Nascimento, como corpus limitativo dos textos sobre a Ilha da Madeira. Lisboa, Edição Delegação de Turismo da Madeira, Tipografia Ideal, 1949. Será útil para o leitor interessado que poderá aprofundar o seu conhecimento sobre Cabral do Nascimento - tal como nós o fizemos - lendo o livro de Maria Mónica Teixeira, *Cabral do Nascimento, A Palavra da Confidência e a Herança do Simbolismo Francês*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura-Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), 1997. Para além de conter um breve e elucidativo estudo sobre o autor em causa, descreve exaustivamente a sua bibliografia (Activa, Passiva, Geral).

- 3 Carta 27 Julho de 1967, I.B.N.L.- Espólio.
- 4 Génesis, 2, 9. (*Bíblia Sagrada*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1988).
- 5 Cf. *Uma História do Paraíso - O Jardim das Delícias*, Lisboa, Terramar, 1994, pp. 11-12.
- 6 *ibidem*, p. 12.
- 7 *Erga*, vv. 109-126.
- 8 *op. cit.*, vv. 117-118. Para a análise do texto original grego utilizamos a edição de Richard Hamilton, Ellen Rainis e Rebecca Ruttenberg, intitulada *Hesiod's Works and Days*, Pennsylvania, Bryn Mawr Greek Commentaries, 1988.
- 9 *op. cit.*, vv. 159-160.
- 10 *ibidem*, vv. 167-168.
- 11 *ibidem*, v. 171.
- 12 *Ibidem*, vv. 171-172.
- 13 *Bucólicas*, IV, vv. 4-7. (tradução de Maria Isabel Rebelo Gonçalves, Lisboa, Editorial Verbo, 1996)
- 14 *ibidem*, vv. 20-22.
- 15 *op. cit.*, vv. 18-19
- 16 *Metamorfoses.*, v. 102.
- 17 *ibidem*, v. 112.
- 18 *ibidem*, v. 111.
- 19 Cf. *op. cit.*, 8, 1-3.
- 20 *op. cit.*, Canto IV, vv. 561-568 (Tradução de Maria Helena R. Pereira, *Hélade- Antologia da Cultura Grega*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1990).
- 21 Cf. Vv. 637-678.
- 22 *op. cit.*, vv. 640-644.
- 23 Cf. *República*, Lib. X.
- 24 *ibidem*, v. 645.
- 25 Para a definição do conceito *mare nostrum* e de outros conceitos relacionados com o espaço cultural mediterrânico sugerimos a leitura do livro de Victor Jabouille, *O Mediterrâneo Antigo: Unidade e Diversidade*, Lisboa, Edições Colibri, 1996.
- 26 Cf. Hesíodo, *Teogonia*, vv. 215-217.
- 27 Cf. *Idílio*, VII.
- 28 *op. cit.*, p. 51.
- 29 Sempre que citarmos um passo da referida antologia, indicaremos apenas a(s) página(s).
- 30 p. 26.
- 31 p. 25.
- 32 *ibidem*, p. 25.
- 33 p. 172.
- 34 p. 131.
- 35 p. 33.
- 36 p. 49.
- 37 p. 98.
- 38 *Cancioneiro*, Porto, Editorial Inova, Colecção "Coroa da Terra", 1976, p. 242.